

**PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS ENTRE PALAVRA E IMAGEM
NUMA CULTURA DIGITAL****WELL BEYOND THE FRONTIERS BETWEEN WORD AND IMAGE IN
A DIGITAL CULTURE****Luís Cláudio Dallier SALDANHA¹**

Resumo: Este artigo se propõe a questionar os riscos atribuídos à linguagem visual no processo de formação, problematizar a relação entre imagem e palavra na perspectiva do ultrapassamento de suas fronteiras e considerar algumas possibilidades na articulação ou mixagem de diferentes linguagens nos meios digitais. Para isso, são apresentados alguns aspectos da histórica relação entre palavra e imagem; as implicações da diluição de fronteiras entre signo verbal e signo visual em poéticas vanguardistas; e os desafios da leitura ou navegação nos meios digitais para a formação cultural.

Palavras-chave: Imagem; linguagem verbal; mídias digitais.

Abstract: This article proposes to question the risks associated to visual language in the formation process, problematize the relationship between image and word in the perspective of exceeding its frontiers and consider some possibilities in the linking or mixing of different languages in the digital media. In order to do that, we present some aspects of the historical relationship between verbal and visual signals in avant-garde poetry and the challenges in reading or surfing the digital means to cultural formation.

Key words: image; verbal language; digital media.

Introdução

Não faltam alardes sobre os perigos que cercam a formação dos estudantes pertencentes à cultura digital ou à chamada *Geração Z*. Um deles seria o risco de crianças e jovens que vivem imersos numa cultura visual serem privados da imaginação criativa no uso da linguagem verbal. A exposição excessiva às imagens digitais comprometeria a competência leitora e tornaria mais pobre o pensamento inventivo, manifestando-se também numa produção textual oral e escrita distante dos padrões de excelência.

A quebra da hegemonia da palavra escrita no universo virtual de imagens e de estímulos digitais promoveria a asfixia da palavra pelas imagens. Ler um texto ou ouvir uma palestra sem a mediação da linguagem visual seria um desafio quase intransponível para estudantes acostumados à comunicação cada vez mais imagética e digital.

Diante dessa perspectiva crítica ou mesmo de visões mais alarmistas em relação às implicações da cultura visual na produção e recepção de textos verbais, deve-se, entretanto, evitar uma visão simplificadora na qual a rivalidade entre palavra e imagem

¹ Doutor em Educação (UFSCar). Diretor do Centro de Ensino da Área de Educação - Universidade Estácio de Sá (UNESA). Rio de Janeiro/ RJ - 20261-063. E-mail: luis.dallier@estacio.br.

imponha uma falsa escolha, como se o texto escrito fosse única fonte de conhecimento e alimento para uma mente criativa ou, por outro lado, o suporte digital da linguagem visual não comportasse também possibilidades criativas articuladas com o uso da palavra.

Tal imperativo aponta para a pertinência do exame das possibilidades da palavra no contexto de sua articulação com a linguagem visual suportada pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), tendo em vista os desafios da formação cultural que se dá pela mediação da palavra, da imagem e de outras formas de linguagem.

Neste trabalho, a relação entre palavra e imagem é apresentada a partir de três eixos principais: 1) As implicações da precedência da imagem sobre a palavra; 2) A diluição ou o ultrapassamento de fronteiras entre palavra e imagem; e 3) As possibilidades da articulação entre palavra e imagem nas práticas de leitura ou navegação nos ambientes virtuais.

Também se faz necessário explicitar que o termo *palavra* é empregado aqui como correspondente à linguagem verbal, se referindo tanto à modalidade escrita, a não ser quando especificadas tanto a modalidade escrita quanto oral. O termo *imagem* é usado como elemento da linguagem não verbal, mais especificamente a linguagem visual, com a acepção de “imagem gráfica” tal como encontrada na tipificação de Mitchell (1986, p. 10), que distingue:

as imagens gráficas (como as pinturas, as estátuas e os desenhos); as imagens óticas (como os reflexos no espelho e as projeções); as imagens perceptivas (como as aparências); as imagens mentais (como os sonhos, as memórias, as ideias) e; ainda que possa parecer paradoxal, as imagens verbais (como as metáforas e as descrições).

Assim, este artigo se propõe a problematizar a relação entre imagem e palavra, enquanto linguagens a serviço da expressividade, da comunicação e da interação, para delinear algumas possibilidades dessa articulação nos meios digitais ou hipertexto eletrônico.

1. A precedência da imagem e sua articulação com a palavra

Historicamente, a imagem está a serviço da expressividade, entendida como linguagem que representa ou recria a realidade por meio de formas, linhas, cores, sombra, luz, entre outros elementos.

Sabe-se que os registros materiais de comunicação mais antigos estão relacionados com as pinturas ou inscrições rupestres, constituindo-se testemunho histórico da precedência da imagem em relação à palavra escrita, como pode ser testemunhado nos fundos de cavernas de sítios arqueológicos na Europa ou mesmo no Brasil (serra da Capivara, no Piauí, e em Pedra Pintada, no Pará).

As representações em numerosas cavernas, Lascaux, Gargas, Altamira, El Castillo, São Raimundo Nonato e tantas outras, no mundo todo, as representações imagéticas profusamente presentes em tumbas egípcias, os registros em cerâmicas ou em relevos em distintos pontos do mundo e diversas culturas atestam que o homem já convive de longa data com ambientes de imagens. (BAITELLO, 2007, p. 6).

O aspecto visual e figurativo da linguagem precederia a linguagem verbal, pois o gesto, provavelmente, está na origem da própria fala, com “atribuição de mesmo significado para um gesto comum que se repetiria em função de determinadas situações e ações” (SALDANHA, 2016, p. 22).

Nessa hipótese gestual para a origem da fala, George Herbert Mead (1934, op. cit. DA SILVA, 2007) defende que "a linguagem gestual precedeu a linguagem falada". O conjunto de gestos com significados determinados e comuns teria dado origem, ao longo do tempo, "a formas mais elaboradas de linguagem".

Caso se concorde com a hipótese da origem gestual da linguagem verbal ou mesmo com o argumento de que a linguagem visual simbólica organizada, manifesta na arte rupestre, é anterior à fala e à escrita, não se deve reduzir os símbolos gráficos ou as representações figurativas simplesmente a uma linguagem rudimentar e inferior à oralidade e ao letramento (Cf. PARELLADA, 2009).

Assim como não se deve considerar a oralidade superior à escrita, em função da precedência da primeira sobre a segunda, não é adequado compreender a precedência da imagem sobre a linguagem verbal em termos hierarquizantes, lidando de modo dicotômico com as diferenças dessas linguagens.

Tanto a construção dos símbolos gráficos ou visuais quanto a linguagem verbal experimentaram ao longo da história desenvolvimentos complexos e articulações com outras linguagens a serviço da expressividade, da comunicação e da interação.

Não se deve ignorar, entretanto, a primazia histórica da linguagem verbal nos processos formativos. E aqui vale mais uma ponderação: se depois dos tempos mais remotos, comumente designados como pré-históricos, a invenção da escrita e o domínio dos textos verbais na educação se tornaram o meio privilegiado de manifestação do pensamento abstrato, de um conhecimento mais sofisticado, isso não implica a destituição dos atributos comunicacionais das imagens nos processos de formação.

E mesmo que não seja possível conferir poder ou atributo pedagógico a todas as imagens, deve-se reconhecer que a linguagem visual pode contribuir para que conceitos, processos e fenômenos sejam mais bem compreendidos.

Antes, no entanto, de examinar a função pedagógica das imagens ou mesmo as possibilidades estéticas e formativas de sua relação com o texto verbal, convém retomar o tema da articulação da imagem com a palavra não apenas como superação de relações hierarquizantes, mas como ultrapassamento de fronteiras culturalmente estabelecidas.

2. Ultrapassamento da fronteira entre palavra e imagem

As relações ou articulações entre imagem e texto verbal são fartamente exemplificadas na História da Arte. No âmbito das artes plásticas, podem-se listar títulos de obras como “uma das formas de relacionar texto e imagem”, desempenhando diferentes papéis, ou mesmo a ocorrência de “textos no interior da própria obra”, numa relação mais orgânica entre texto e imagem (GARCIA, 2013, p. 27-28).

É interessante notar que na primeira metade do século XX, no contexto das vanguardas europeias, o texto adquire *status* de imagem nas artes plásticas. Um destaque deve ser dado à conversão do texto em matéria pictórica na obra *A traição das imagens*, de René Magritte, na qual a frase *Ceci n'est pas une pipe (Isto não é um cachimbo)* é inserida na própria tela, abaixo da figura de um cachimbo (GARCIA, 2013, p. 28-29).

Se num livro didático pode parecer trivial uma frase nomeando uma figura, em *A traição das imagens* a relação entre texto e imagem é essencial, além de desvelar a “confrontação entre o que está escrito e o que está *desenhado*”, numa aparente contradição ou paradoxo que resulta do enunciado que nega e ao mesmo tempo afirma a imagem (GARCIA, 2013, p. 29).

A relação entre texto e imagem, nesse caso, também aponta para o caráter de representatividade ou aspecto simbólico tanto da linguagem visual quanto da linguagem verbal, pois ambas representam algo que não está presente e que, no entanto, é desenhado na tela e nomeado na frase abaixo da imagem.

A relação entre linguagem verbal e linguagem visual, entretanto, pode ser mais do que circunstancial ou situada na articulação entre texto e imagem das obras de alguns artistas. O texto pode chegar a ser concebido “desprovido do caráter vocabular” e tomado como imagem a partir da valorização de seu grafismo ou mesmo da “ilegibilidade da escrita”, com *significantes* despojados de *significado* (GARCIA, 2013, p. 30).

A dimensão gráfica do texto e sua valorização estética enquanto imagem pode ser encontrada na definição de escrita de Roland Barthes, entendida como “a combinação de algumas retas e de algumas curvas” (BARTHES, 1990, p. 93), em composições dadaístas de Max Ernest, como *Von minimax dadamax selbst kopnstruiertes maschinchen*, ou na indistinção proposta por Paul Klee entre *escrever* e *desenhar*, entendidas como ações idênticas, uma vez que “a semelhança está na *gestualidade* de ambas” (GARCIA, 2013, p. 30).

O despojamento da dimensão vocabular do texto verbal não se constitui na única evidência da articulação entre palavra e imagem na direção de um apagamento de suas fronteiras. O tratamento conferido ao texto em obras da Arte Pop tanto britânica quanto norte-americana, incorporando elementos visuais e estéticos às palavras, pode ser exemplarmente tomado como uma nova visualidade do texto que desafia as delimitações rígidas entre palavra e imagem.

[...] o papel do significado das palavras inseridas nas obras parece ser mínimo; o verdadeiro interesse é a exploração da dimensão gráfica das

mesmas, pois o contexto é o da visualidade publicitária. Portanto, o uso do texto nas obras de Arte Pop se liga mais à condição de signo de consumo que se multiplica ostensivamente nos meio de comunicação e nas ruas, como marcas comerciais, por exemplo. (GARCIA, 2013, p. 32-33).

A visualidade aliada à sonoridade do texto em algumas poéticas também é reveladora da ruptura da tradição que fixa fronteiras bem delimitadas para a palavra e a imagem. Nesse sentido, podem ser citadas poéticas que valorizam “a palavra em sua forma gráfica”, promovendo “um esvaziamento do aspecto representacional (semântico)” (GARCIA, 2013, p. 44-45).

Vale a pena lembrar aqui algumas dessas tendências:

a) A poética do Dadaísmo caracterizada pela visualidade e sonoridade dos signos linguísticos;

b) A colagem e a montagem no Futurismo, com “as palavras libertas da sintaxe tradicional e revigoradas visualmente” (GARCIA, 2013, p. 44);

c) O *poema-objeto* ou *poesia visual* do Surrealismo;

d) A sintaxe espacial e o design gráfico no Concretismo e Neoconcretismo;

e) O Letrismo e o *Alfabismo* enquanto poéticas de resistência “ao determinismo dos signos verbais” e recodificação alfabética (GARCIA, 2013, p. 108-109);

d) O Poema-processo com sua oposição à linguagem verbal e seu aspecto funcionalista do design gráfico.

Todas essas poéticas modernistas ou contemporâneas, caracterizadas pela exploração dos elementos visuais, acabam encenando ou coreografando a linguagem, destacando-se entre elas o Poema-processo pela centralidade e pelo foco que nele o design gráfico desempenha:

O poema-processo, portanto, assume a literatura como uma linguagem que pode ser *coreografada*; coreografia que renega a codificação alfabética e promove o uso de outros sistemas semióticos – coreografia vinculada às *vibrações* e aos *sabores* do design gráfico. O Concretismo, de modo geral, vinculou-se ao design gráfico de forma mais mecânica, operacional. O design gráfico atuou como um *dispositivo* que fez a poesia concreta *funcionar*, pois os processos de consolidação da poética concretista são ligados à especificidade da língua. Propondo recodificações alfabéticas, o Poema-processo atinge o âmago do conceito de design gráfico – é mais agudo à medida que

direciona o foco efetivamente sobre a linguagem gráfica (que independe da língua). (GARCIA, 2013, p. 160).

Cabe ressaltar que o design gráfico deve ser entendido pela sua função de promover a “efetiva comunicação fundamentada na utilização, na maioria das vezes conjuntamente, de texto (signos verbais) e imagens (signos visuais). Esse processo de comunicação é visual – para efetivá-lo, os signos verbais são trabalhados no mesmo patamar dos signos visuais: ambos são considerados imagens” (GARCIA, 2013, p. 69).

O recurso à tipografia, ao design gráfico e à visualidade nas poéticas vanguardistas alia-se, também, ao experimentalismo na linguagem publicitária moderna quando recorre à expressividade tipográfica. A exploração dos elementos visuais das letras ou palavras em peças publicitárias, ou mesmo na definição de marcas e logotipos para produtos ou empresas, é uma das evidências da indefinição a que muitas vezes a palavra e a imagem compartilham em determinadas produções.

3. Contemplar, ler e navegar nos meios digitais

A diluição de fronteiras entre imagem e palavra pode ser ainda mais evidenciada nas experiências com os hipertextos eletrônicos ou nos tratamentos digitais e híbridos dos textos nos ambiente virtuais.

Planisférios, mapas, gráficos, fotografias digitais, imagens de alta resolução, animações e outros recursos visuais permitem a representação e a apreensão de conhecimentos. Mais do que isso, com a digitalização das imagens, é possível interagir criativamente com o que é representado.

A cultura digital não apenas evidencia as potencialidades da linguagem visual como explícita e multiplica suas articulações criativas com a palavra. Superando os antagonismos ou as relações hierarquizantes entre imagem e palavra, os meios eletrônicos ou suportes digitais revelam em muitos textos ou no próprio hipertexto a possibilidade da leitura e da contemplação tanto da palavra quanto da imagem.

Nos tratamentos digitais e estéticos de palavras e textos nos ambientes virtuais, tem-se a condição da contemplação de produções textuais marcadas pela inventividade e pela arte. O conjunto de textos que se caracterizam pela mixagem de palavras,

imagens, sons e outros efeitos estéticos mediados pelo tratamento digital permitem uma leitura interativa que se apresenta como navegação na qual tanto a contemplação quanto a rápida apreensão são possíveis.

Com os meios digitais, tem-se não somente uma inflação ou profusão de imagens, mas também uma reaproximação ou mixagem de escrita e imagem, de letras e elementos pictóricos. Desse modo, a relação histórica entre imagem e palavra é ressignificada nos ambientes virtuais.

É pertinente lembrar que, na história da escrita, os pictogramas eram desenhos representando objetos, seres ou ideias. A pictografia combinava, então, esses desenhos para representar ou narrar. Os desenhos representando objetos evoluíram para a escrita ideográfica, representando ideias, evoluindo depois para os silabários, com a representação dos sons das sílabas, como a escrita cuneiforme, indo da escrita ideográfica para a escrita fonográfica. Mais tarde, foram surgindo os alfabetos, simplificando as representações dos sons e estabelecendo um conjunto limitado e, até certo ponto, estável de caracteres.

Tudo isso pode ajudar a perceber que na origem da escrita encontra-se uma relação muito próxima entre a palavra e a imagem, relação que vai se desfazendo à medida que as letras passam a representar sons e não mais ideias ou coisas, pois o alfabeto e a escrita estão baseados na relação entre o som e sua representação gráfica. Desse modo, o hipertexto eletrônico promove de forma inovadora a reaproximação e mixagem de diferentes linguagens a serviço da comunicação e diversas experiências sensoriais.

Esse contexto aponta para as novas potencialidades das mídias digitais e do hipertexto eletrônico na articulação entre palavra e imagem, levando adiante e dando nova expressividade a experiências de mixagem da linguagem verbal e visual que são até mesmo anteriores à atual cultura digital.

Um exemplo pode ser dado a partir do livro infantil ilustrado. Para Hunt (2010), esse é um gênero que evoluiu do "texto realista clássico para o genuinamente descontínuo e interativo", constituindo-se em obra interativa que se “presta à experimentação e à inovação, tanto em termos de conteúdo como de suporte”.

A interatividade e a possibilidade de leitura não linear mesmo antes do hipertexto eletrônico se manifestam no fato de que o livro infantil ilustrado, “de um lado, propicia projetos inovadores como formatos inusitados, diferentes técnicas de desenho e uso criativo de tipologias; por outro, os recursos visuais permitem a criação de narrativas não lineares, abertas a várias interpretações” (AGUIAR, 2011). Assim, a leitura se dá em, pelo menos, três dimensões: “linear, temporal e espacial” (HUNT, 2010).

Tal interatividade é possível fora dos meios digitais porque a imagem deixou de ser apenas ilustração de um conteúdo, ou seja, a imagem deixa de ser coadjuvante e passa a ser o elemento condutor da própria leitura do livro. Mais do que isso, a interatividade é possível no livro infantil ilustrado ou no livro de imagens porque se trata de um livro em que a imagem possibilita um jogo por meio do qual o leitor não apenas olha a imagem, mas interage com ela.

A imagem precisa ser decifrada, ser relacionada com outras imagens para ser compreendida e fazer sentido a partir de sua relação com outros fragmentos da narrativa ou do conteúdo, que correspondem a imagens diversas e a outros textos. Assim, para passar de uma imagem a outra, é preciso vencer o desafio de compreendê-la, de relacioná-la com o que vem antes, mas também com o que vem depois. Isso mostra uma característica importante que é a da ação e da simultaneidade nos livros de imagem. Como a leitura requer estabelecimento de relações e a imagem não é apenas para ser vista, mas também para ser contemplada e lida, então, pode-se afirmar que o livro de imagens tem uma dimensão de interatividade muito importante e anterior às mídias digitais.

O desafio da leitura que articula palavra e imagem certamente torna-se maior quando, além da alfabetização visual, são necessárias a alfabetização digital e a consequente fluência tecnológica e digital.

As possibilidades do hibridismo que mixa imagens, palavras e outras linguagens no hipertexto da Internet ganham uma dimensão de desafio pedagógico, uma vez que os textos e seus *links* podem tanto conduzir à dispersão e à navegação caótica quanto à

experiência de interatividade, elaboração da informação e fruição de diferentes estímulos na construção do conhecimento.

Não se limitando ao entretenimento nem ao mero consumo de informação, a navegação no hipertexto ou nos meios digitais pode favorecer a leitura interativa enriquecida pela exploração de diferentes linguagens que permitem pluralidades de aproximação, apreensão e compreensão de conteúdo.

Considerações finais

A articulação entre palavra e imagem no contexto das linguagens mixadas nos ambientes virtuais não comporta apenas possibilidades pedagógicas e de leitura criativa.

A exposição demasiada às imagens, em detrimento de sua articulação com outras linguagens e da leitura mediada pela linguagem verbal, pode ser empobrecedora e limitar o exercício da imaginação. Mas isso não deve levar à conclusão de que a relação com a imagem ofusca a imaginação. A imagem que possui predicados estéticos, que provoca a contemplação e permite a interação, pode ensejar criativas leituras de mundo, aprendizado e exercício da imaginação.

Se ler uma narrativa literária sem imagens pode estimular a imaginação, contemplar uma imagem sem legendas ou apoio de outro texto pode instigar a curiosidade e despertar relações com outras imagens, outras linguagens, outras vivências. Imagens artísticas podem desafiar a percepção da realidade. Imagens fotográficas podem revelar ângulos e formas que recortam a realidade a partir de determinados interesses.

Uma imagem pode ser mais do que lida, decodificada, compreendida. Imagens podem ser degustadas, vivenciadas, apropriadas e provocarem *imagens mentais* que ajudam na elaboração de mundos ficcionais e na fruição de experiências estéticas.

Essas possibilidades não eliminam a necessidade de que o leitor ou navegador dos textos que povoam a Internet esteja atento ao desafio de navegar “em um mar de sentidos dispersos, tendo como tarefa justapor blocos de sentido”, num esforço para

editar e articular fragmentos que sejam relevantes, resistindo ao assédio das imagens ou das palavras que eventualmente devem ser deixadas de lado (SALDANHA, 2006).

Tudo isso exige de educadores e alunos uma cooperação voltada para o aprendizado de práticas de leitura e de estratégias de navegação no mundo virtual que favoreçam a construção do conhecimento, mesmo em face do risco de uma relação consumista e meramente de entretenimento com as novas mídias.

O espaço-tempo escolar deve se constituir em experiência privilegiada de convívio com a pluralidade de textos que articulam linguagens diversas, contribuindo tanto para a competência leitora do aluno quanto a sua sensibilização e educação estética.

A escola, ao educar e instrumentalizar o aluno para navegar numa profusão de textos e estímulos visuais presentes nos ambientes virtuais, deve privilegiar nesse processo a articulação da linguagem verbal e das linguagens não verbais, evidenciando que palavras e imagens guardam tanto possibilidades quanto riscos na construção do conhecimento.

Referências

- AGUIAR, L. O poder das imagens. **Revista Educação**, v. 170, n. 9, p. 25-27, 2011.
- BAITELLO JR., N. **Para que servem as imagens mediáticas: os ambientes culturais da comunicação, as motivações da iconomania, a cultura da visualidade e suas funções**. São Paulo: CISC, 2007.
- DA SILVA, J. C. **Filosofia da linguagem (1): da torre de Babel a Chomsky**. 2007. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/filosofia-da-linguagem-1-da-torre-de-babel-a-chomsky.htm> . Acesso em: 2 jan. 2015.
- GARCIA, A. M. **A literatura como design gráfico: a linguagem em cena**. Belo Horizonte: C/ Arte, 2013.
- HUNT, P. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosacnaify, 2010.
- MITCHELL, W. J. T. **Iconology: image, text and ideology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

PARELLADA, C. I. Arte rupestre no Paraná. **R.cient./FAP**, Curitiba, v.4, n.1 p.1-25 , jan./jun. 2009.

SALDANHA, L. C. D. Literatura e semiformação no ciberespaço. **Texto Digital**, Florianópolis, ano 2, n. 2, dez., 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/download/.../1075> . Acessado em: 30 mai. 2016.

_____. **Fala, oralidade e práticas sociais**. Curitiba: Intersaberes, 2016.